

Animais exóticos de origem europeia ou africana entre povos indígenas nas terras baixas da América do Sul

Notas para pesquisas futuras

Felipe Ferreira Vander Velden

Abstracto

Este artigo busca sugerir um conjunto de novos rumos para a investigação dos fenômenos ligados à introdução, difusão, adaptação, circulação, exploração e uso de animais de origem exótica entre os povos indígenas nas terras baixas sul-americanas, de modo a constituir um mais completo panorama dos impactos materiais e simbólicos desses seres nos contextos ameríndios. Partindo da coleta e análise de informações históricas e etnográficas acerca do aparecimento e da incorporação desses animais – a saber, galinhas, bois, cavalos, cabras, bodes, porcos, cachorros, gatos, coelhos, ratos, pombos e outros – nos mais distintos povos nativos na América do Sul, busca-se extrair uma (ou múltiplas) história(s) alternativa(s) desses adventícios, bem como compreender as linhas gerais que, fundamentadas na ideia de um pensamento ameríndio, podem caracterizar a adoção e aclimatação dessas espécies nas cosmologias e práticas sociais indígenas, configurando novas formas de conhecimento zoológico e mesmo zootécnico e veterinário, bem como construções singulares da domesticidade e de outros conceitos que usualmente descrevem as relações entre humanos e animais. Espera-se aliar os estudos em etnologia americanista com pesquisas antropológicas sobre relações entre humanos e animais, dois campos que, apesar da centralidade dos não humanos nas vidas e cosmologias indígenas, ainda pouco dialogam no campo etnológico americanista.

Palavras chave: povos indígenas; América do Sul; animais; história; introdução; conhecimento zoológico

Abstract

EXOTIC ANIMALS FROM EUROPE OR AFRICA AMONG NATIVE PEOPLES IN LOWLAND SOUTH AMERICA. NOTES FOR FURTHER RESEARCH

This article aims to suggest a set of new directions for investigation of the processes related to the introduction, diffusion, adaptation, circulation, exploitation and use of animals of exotic origin among the Indigenous peoples in lowland South America, in order to achieve a broader comprehension of material and symbolic

Felipe Ferreira Vander Velden ■ Universidade Federal de São Carlos, Departamento de Ciências Sociais e Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Via Washington Luís, Km 235, Monjolinho, 13565-905, São Carlos-SP, Brasil, felipevelden@yahoo.com.br

impacts of these beings in Amerindian cosmologies and social practices. From the collection of ethnological and historical information on these animals – chicken, oxen, horses, goats, pigs, dogs, cats, rabbits, rats, pigeons and others – in different Native peoples in South America, we seek to extract one (or several) alternative history (or histories) of these exotics, as well as to understand their processes of adoption and adaptation within the general outlines of an Amerindian thought, and how this configures new cosmological features and social practices, new ways of zoological, zootechnical, and even veterinary knowledge, as well as singular constructions of domesticity, and other concepts that usually describe the relationships between humans and animals. Furthermore, it tries to unite lowland South American's societies ethnology with anthropological research on humans and animals, two fields kept apart in the discussion, even though the centrality of animals in the indigenous cosmologies being absolutely undeniable.

Keywords: indigenous peoples; South America; animals; history; introduction; zoological knowledge.

Introdução

A presença, transferência, introdução ou aparecimento, difusão ou circulação, adaptação ou aclimatação, exploração e uso de animais de origem exótica, exógena ou adventícia – ou seja, provenientes do Velho Mundo, sejam domesticados ou silvestres (incluindo aqueles ditos sinantrópicos ou comensais) – em sociedades indígenas no Brasil e na América do Sul e o intercâmbio desses seres entre aldeias e cidades ou comunidades não indígenas próximas ou distantes têm constituído meu principal interesse de pesquisa nos últimos quinze anos. Meu primeiro projeto de pesquisa relacionado ao tema, *Inquietas companhias: sobre animais de criação entre os Karitiana*, interrogou a presença de seres de origem exógena (domésticos introduzidos pelos brancos) entre os Karitiana, povo indígena de língua Tupi-Arikém formado por cerca de 350 pessoas que se distribuem por cinco aldeias (além de algumas famílias que vivem em zonas urbanas, como a de Porto Velho), localizadas no norte do estado brasileiro de Rondônia, sudoeste da Amazônia, com quem estou em contato desde 1999 – e que seguem como a principal referência a balizar meus interesses no interior do campo antropológico; consistindo em minha pesquisa de doutoramento, o trabalho resultou em um livro (Vander Velden 2012a) e, desde então, na produção contínua em torno da temática do encontro dos animais europeus e/ou africanos com as sociedades nativas das terras baixas sul-americanas (Vander Velden 2011a, 2011b, 2012b, 2013, 2014, 2016a, 2016b, 2016c, 2017, 2018; Bevilaqua e Vander Velden 2016).

Evidentemente, em um fenômeno de tão múltiplas facetas como o encontro entre biotas distintas – o que Alfred Crosby (2003[1973]) chamou de “intercâmbio colombiano” (*Columbian exchange*) –, muita coisa ainda resta por ser investigada. Uma sistematização o mais completa possível das referências e informações disponíveis sobre esta circulação de animais entre mundos euro-americanos e mundos

indígenas nativos, tarefa que já visualizava no meu projeto de doutorado, mas que apenas esbocei na introdução de meu livro (Vander Velden 2012: 37-46), ainda está por ser feita. No entanto, seus passos iniciais – alguns dos quais espero detalhar na sequência – têm trazido à tona um conjunto de temáticas sobre as quais ainda há muito pouca pesquisa, trabalhos que poderão elucidar aspectos cruciais da relação entre sociedades ameríndias e espécies introduzidas e os variados efeitos dessa presença nas práticas de subsistência, nas técnicas e tecnologias, no parentesco, na mitologia, no ritual, na arte, nas reflexões cosmológicas e históricas e na própria definição do que constitui, afinal, a relação de domesticidade (e, naturalmente, também seu oposto complementar, a selvageria). Naturalmente, a coleção de ideias apresentadas neste artigo não esgota o conjunto de potenciais objetos de pesquisa envolvendo o campo das relações entre humanos e animais introduzidos nas terras baixas.

No dia 12 de outubro de 1492 (ou, para o caso específico do Brasil, no dia 22 de abril do ano de 1500) a história das sociedades indígenas na porção do planeta que viria a ser conhecida como Novo Mundo, depois América, começou a sofrer uma mudança socioambiental radical. Isso é amplamente sabido. Contudo, um aspecto crucial desta inflexão nas trajetórias cosmo-históricas e socioambientais dos grupos nativos permanece pouco investigado, ainda que sua importância tenha sido reconhecida já naquele mesmo dia numa praia ensolarada da ilha de Guanahani, nas Bahamas (e, no Brasil, no atual litoral sul do estado da Bahia): o impacto fundamental da chegada, junto aos europeus que começam, a partir daí, a ocupar o continente, de todo um conjunto novo de seres não humanos, de animais, que se integram mais ou menos rapidamente à fauna local e alteram definitivamente os conhecimentos zoológicos e as práticas materiais e simbólicas dos povos ameríndios. Tratavam-se, como se sabe, das espécies que, originárias do Velho Mundo, acompanhavam – e acompanharão, nas décadas e séculos por vir – os conquistadores, trazidos intencionalmente por eles como seres domésticos ou domesticados – galinhas, patos, bois, cavalos, búfalos, cabras, bodes, porcos, ovelhas, cachorros, gatos, coelhos, galinhas d'Angola, abelhas europeias –, ou criaturas inadvertidamente ocultas, mas forçadamente comensais – como ratos e pombos (além, claro, dos microrganismos), estes seres ditos sinantrópicos mas também invasores.

Invasores, de certo modo, todos estes seres, humanos e não humanos, foram. Mas se alguma forma de convívio ou acomodação foi sendo, mais ou menos violentamente, lapidada entre os grupos humanos nativos e adventícios nos mais de 500 anos da história da América pós-colombiana, o mesmo aconteceu com a dispersão e adoção mais ou menos rápida, por parte dos povos indígenas, desses seres não humanos que fazem aqui sua estreia com o choque das biotas do novo e do velho mundos (Crosby 2003[1973]). Contudo, em que pesem algumas investigações já empreendidas até o momento (recenseados em Vander Velden 2012b), pouco ainda se conhece dos muitos meandros desta história multissecular de chegada, di-

fusão, introdução, adaptação, circulação e uso de animais de origem exótica (europeia ou africana) entre os povos indígenas na América do Sul tropical, que acabam por constituir um complexo panorama de alterações nas vidas materiais (produção, territorialidade, técnica e tecnologia) e simbólicas (mitologia, ritual, história, arte) dessas populações ameríndias nas terras baixas. Este artigo almeja, justamente, contribuir para uma maior compreensão histórica e antropológica deste complexo conjunto de (novas) relações entre humanos e animais no território americano, a partir da sugestão de um conjunto de temas de pesquisa, detectados em documentos históricos e etnográficos, que giram em torno da presença desses seres nas aldeias indígenas; alguns resultados preliminares são também apresentados com vistas à sustentar a riqueza de informações existentes e certas direções para futura investigação. Espera, dessa forma, propor caminhos variados para o avanço na compreensão das mudanças (ou das continuidades, claro) vislumbradas nas sociocosmologias nativas a partir da entrada inaugural desses seres alienígenas na aurora da formação dos impérios coloniais ibéricos no Novo Mundo.

A presença desses seres adventícios ou exógenos nos mundos indígenas vem merecendo a atenção de antropólogos e historiadores há algum tempo (Nordenskiöld 1922; Gilmore 1997; Descola 1994b), não menos em função das por vezes acaloradas controvérsias envolvendo a possível presença pré-colombiana do cão (*Canis familiaris*) nas terras baixas orientais (Zeuner 1963, p. 102; Schwartz 1997: 30, 76-78) e da galinha (*Gallus gallus*) no continente americano (Carter 1971; Storey et al. 2012; Gade 2015). Outros autores, certamente motivados pela fantástica adaptação de certos povos ameríndios ao cavalo, se interessaram pelas culturas equestres do Novo Mundo (Galvão 1983; Palermo 1986; Picon 1999; Mitchell 2015), e mesmo o gado bovino, onde prosperou, foi objeto de certas análises (como entre os Wayuu/Guajiro na Venezuela/Colômbia; cf. Perrin 1987; Picon 1983; Polo Acuña 2005). Nos últimos anos, novos estudos antropológicos e históricos têm descortinado mais e mais aspectos da convivência das sociedades nativas nas terras baixas sul-americanas com essas espécies exóticas (Schwartz 1998; Mitchell 2015 e 2017; Büll 2018). Entre os historiadores parece haver, também, um renovado interesse na compreensão da história da introdução e da difusão desses animais pelo Brasil e na cultura e na sociedade brasileiras, em trabalhos que, via de regra, incluem observações sobre os “primeiros animais do Brasil” (Kury 2014; Camphora 2017). O anúncio recente da descoberta, por arqueólogos, do esqueleto de um cão em território brasileiro – o que seria o mais antigo cachorro doméstico identificado do Brasil (Milheira et al. 2016) – reacendeu os debates sobre a autoctonia da espécie no continente e, na esteira desta discussão, sobre as relações entre os grupos indígenas e as espécies associadas aos seres humanos nativos da América do Sul tropical e subtropical, incluindo formas singulares de convivência interespecífica e de domesticidade.

Em que pesem esses esforços, ainda restam enormes lacunas no nosso conhecimento histórico e etnológico da chegada e permanência dos animais originá-

rios do além-mar no seio das comunidades ameríndias sul-americanas, mesmo em se tratando das espécies mais investigadas, como o cachorro: de fato, é forçoso reconhecer que, apesar da centralidade desses seres nas experiências materiais e simbólicas das populações indígenas na América do Sul, ainda pouco sabemos sobre suas histórias e suas posições nos universos sociocosmológicos nativos, podendo-se afirmar, sem muita dúvida, que “[i]n spite of this importance, anthropologists, in their considerations of different cultures, have far too often neglected the dog (...)” (Cummins, 2009: 99). Não só faltam estudos detalhados sobre outras espécies que não cães, cavalos e galinhas, como há pouquíssimas etnografias dedicadas ao estudo aprofundado desses seres em distintas sociedades indígenas (cf. Pierri 2017). Existe, sim, muita informação dispersa nos trabalhos de pesquisa, espalhada pelos textos aqui e ali (em geral nas seções que descrevem as aldeias e moradias, ou a vida produtiva das comunidades), fruto da observação casual de etnógrafos e etnógrafas em campo, poucos deles genuinamente interessados na questão, talvez porque julga da excessivamente cotidiana, irrelevante e próxima da realidade dos pesquisadores (Vander Velden, 2012: 24-26). A sistematização desses dados dispersos é uma tarefa necessária no rumo da produção de uma imagem mais consistente e abrangente das relações entre indígenas e animais europeus, e de incentivar pesquisas futuras que se concentrem em contextos, períodos ou questões mais localizados e específicos. Espero que as ideias e propostas aqui apresentadas (ainda que de forma preliminar) e a bibliografia relativamente extensa ao final possam estimular os americanistas a se interessar por este fascinante universo de contatos e conexões multiespecíficas.

Notas para pesquisas futuras

Entre as muitas possibilidades de análise, este artigo pretende apresentar alguns caminhos que permitam adensar a investigação de um conjunto de temas ou tópicos relativos à circulação de animais exógenos nas terras baixas do continente sul-americano. Cada um desses tópicos para investigação merece um breve comentário acerca da sua relevância na composição de um panorama da circulação de animais de origem europeia entre povos indígenas na América do Sul e da natureza das fontes e das informações históricas e etnográficas a serem coletadas e analisadas, além dos principais problemas a serem enfrentados. Eles poderão constituir objetos de pesquisas documentais, bibliográficas e etnográficas futuras, incluindo-se aquelas que poderão ser orientadas em níveis de graduação e pós-graduação. Devo dedicar, assim, algumas palavras às principais questões a serem tratadas em cada um dos temas de pesquisa aqui sugeridos.

Vamos ao primeiro tema. É sabido que a difusão do gado (bovino, principalmente, mas não só) pelo interior do Brasil e por outras partes da América do Sul (Uruguai, pampa argentino, Patagônia, Gran Chaco, llanos venezuelanos e oriente boliviano) constitui uma das mais poderosas narrativas da conquista, da ocupação

e da colonização dessas terras, bem como permanece justificando o enorme crescimento e a poderosa autoglorificação da pecuária nacional no Brasil (Michellini 2016) e em países vizinhos. Neste processo de ocupação dos sertões “pela pata do boi” (Durães 2016), incontáveis povos indígenas foram atingidos, mas muito pouco sabemos sobre o aparecimento, a presença, a adoção e/ou a recusa desses animais de grande porte nas suas mais variadas cosmologias e práticas sociotécnicas: o pouco que se sabe, em grandes linhas, sugere uma percepção inicial desses seres como animais de presa, sendo, assim, constantemente caçados, o que acabou por constituir fonte de conflitos permanentes entre as sociedades nativas e as frentes de expansão pastoril (Melatti 1967; Ribeiro 1996; Santos Júnior 2016). Mas as muitas singularidades na adaptação do boi (e de todos os outros animais que constituem a criação animal ou pecuária) aos diferentes contextos indígenas nas terras baixas (especialmente no Nordeste e no Brasil central, mas incluindo porções da Amazônia) ainda restam por ser investigadas – especialmente quanto àquilo que Frédéric Saumade (2014: 377) chamou de “pecuária cinegética” (*ganadería cinegética*). Sabemos algo da relação entre grupos indígenas e rebanhos na porção meridional da América – nos pampas gaúcho, uruguaio e argentino (Palermo 1986; Garavaglia 1999; Alioto 2011) e no Gran Chaco (Schindler 1985) –, mas célebres contextos em que a pecuária foi adotada como prática indígena – nos quais os índios se tornaram vaqueiros ou criadores, como entre os Macuxi (Rivière 1972; Vieira 2007), os Bakairi (Pina de Barros 2003), os Kiriri no sertão baiano (Macêdo 2006) e os Kadiwéu (Bertelli 1987) – demandam muito mais esforço investigativo na compreensão desta adaptação do gado às condições naturais e culturais do Novo Mundo (cf. Saumade 2014). Note-se que, no caso do sul e sudoeste amazônicos, é sabido que a pecuária vem avançando cada vez mais sobre a floresta (Batista 2014), levando ao constante cenário de grupos indígenas lidando com os animais e com os persuasivos discursos que sustentam o sucesso do modelo do agronegócio no país (Vander Velden 2011b). Neste tópico de pesquisa, assim, deve-se dar atenção ao que a documentação e as etnografias indicam sobre a chegada, difusão e adoção de animais de rebanho entre as sociedades indígenas no Brasil e regiões circunvizinhas, bem como sobre as micro-histórias que certamente enriquecem (e complexificam ou contestam) as grandes narrativas sobre as frentes de expansão pecuária e o sucesso do agronegócio em vários países sul-americanos.

Embora existam, conforme já aludido acima, alguns estudos sobre a adoção do cavalo nas terras baixas – concentrados, evidentemente, nos contextos em que sociedades inteiras foram transformadas pela presença deste ungulado, como o Pampa argentino –, ainda sabemos pouco sobre as *culturas equestres* (Adelman & Thompson 2017) ameríndias, apesar do excelente compêndio de Peter Mitchell (2015). Relatos esparsos mencionam o uso intensivo do cavalo, por exemplo, entre os Kadiwéu-Guaykuru – chamados, muito apropriadamente, de *índios cavaleiros* (Bertelli 1987) –, entre os povos nativos do lavrado de Roraima (Rivière 1972) e

mesmo entre os grupos Tapuia (Janduí) nos sertões semi-áridos do nordeste do Brasil que, conforme Cristina Pompa (2001: 281), “adotaram o uso do cavalo. Isso tornou mais eficazes seus assaltos”, mencionando o relato do encontro, em 1651, de Roulox Baro com “quatro homens a cavalo, que Janduí despachara ao meu encontro” (citado em Pompa 2001: 281, nota 66). Na mesma nota, contudo, a autora faz uma referência enigmática, e sem sustentação bibliográfica: “O uso do cavalo tem sido, na etnologia, um dos elementos à sustentação da tese de que os Tapuia Tarairiú não fossem Jê”. Pompa está, certamente, referindo-se à tese de Rudolf Schuller (1912: 84) encampada por David Maybury-Lewis (1965: 341-342), mas a observação certamente nos convida a investigar mais a história e a etnografia dos grupos Jê no Brasil central, especialmente naquelas zonas em que foram diretamente atingidos pelas frentes de expansão pastoril, como Goiás e Maranhão (Ribeiro 1996). Nimuendajú (1946: 75), por exemplo, encontrou vários grupos Timbira no Maranhão que demonstravam gosto e talento para a montaria.

Um segundo tópico refere-se à circulação de animais, de parcelas e substâncias de seus corpos, e/ou de artefatos produzidos com partes ou produtos de seus corpos, entre aldeias indígenas nas terras baixas. Este tema foi, recentemente, retomado por Paulo Büll (2018) em sua dissertação de mestrado, sugerindo que há muita coisa ainda por ser investigada, particularmente nas redes de circulação de animais (especialmente de cães de caça e de psitacídeos) que cortam o escudo das Guianas, da margem norte do rio Amazonas até as ilhas do Caribe (Roth 1974; Wilbert 1976: 331-333), e que, para o Brasil, são conhecidas desde os estudos pioneiros de Nádia Farage (1991). Aqui, deve-se estudar em detalhes a documentação histórica e os materiais etnográficos disponíveis a respeito dos usos e do intercâmbio desses seres entre os grupos – majoritariamente de língua Karib e Aruak – na região norte da América do Sul, de modo a compreender a extensão e o funcionamento desta rede de troca/comércio que inclui muitos outros elementos. A ênfase, assim, recai sobre os animais – seres vivos – traficados ali, incluindo as distintas perspectivas sociocosmológicas sobre estes seres e os fenômenos de sua movimentação por grupos distantes e distintos. Estas análises deverão apontar caminhos para a investigação de circuitos análogos em outras porções do continente, por meio dos quais passaram a ser movimentados os animais introduzidos. Cabe, assim, buscar respostas à perguntas como a de von Martius, que “assombrava-se da rapidez com que as galinhas tinham atingido o interior das selvas mais recônditas, alheias à penetração dos ‘brancos’” (Cascudo 2004: 146). Ou à observação de Sérgio Buarque de Holanda (1975: 200), indagando as razões do encontro com galinhas domésticas em locais nunca antes visitados pelos europeus:

“O fato de terem existido galinhas – e também porcos – de Espanha no vilarejo português de São Vicente, antes da expedição de Martim Afonso de Souza não é muito para admirar-se, quando se sabe que, já em 1519, se criavam elas entre os

tupinambás da Guanabara, onde as foi encontrar a frota de Fernão de Magalhães, segundo se lê em Pigafetta. Em meados do século XVI seriam quase os únicos animais domésticos existentes nas tabas desses índios, se acreditarmos no depoimento de Thévet, e só ocorriam em sítios previamente frequentados pelos portugueses. Alguns decênios mais tarde, entretanto, já eram criadas por dentro do sertão trezentas e quatrocentas léguas, o que só se pode atribuir ao comércio intertribal.”

Por meio de quais redes de intercâmbio, envolvendo quais grupos nativos, essas galinhas atingiram o interior da Amazônia antes da chegada de (humanos) não índios? Que outras espécies exóticas percorreram trajetórias entre aldeias e culturas distintas, e de que formas o fizeram?

Uma das questões clássicas que justifica a proposta deste tema de pesquisa aqui – uma vez que os grupos indígenas na região das Guianas, o que inclui a porção insular do Caribe (cf. Hofman e Duijvenbode 2011) aparentemente traficavam (e traficam, ainda hoje) espécies nativas, como papagaios – refere-se à origem dos cães que circulam ali: eram animais nativos, ou foram introduzidos apenas com o contato? Os dados documentais fazem menção ao cachorro doméstico (*Canis familiaris*) ou à espécies nativas de canídeos selvagens? Se esses animais foram trazidos com os europeus, por onde e como se espalharam pela região? Quais as perspectivas indígenas acerca desta origem? Não há consenso a respeito do tema (Zeuner 1963; Schwartz 1998; Mitchell 2017), mas suspeita-se que ainda haja material a ser estudado no detalhe (além, claro, da realização de novos estudos etnográficos sobre os povos na região) que possa contribuir para a questão da distribuição do cachorro pelas terras baixas sul-americanas em tempos pré-colombianos.

Quanto ao terceiro tema, sabemos que, desde os momentos inaugurais da história da conquista, as espécies animais nativas das Américas atraíram a atenção dos europeus, e os resultados desse encontro entre o conhecimento zoológico do Velho Mundo e as exóticas criaturas do Novo – incluindo o transporte de espécimes e de saberes das terras baixas sul-americanas para o continente europeu – já foram objeto de vários importantes estudos (Asúa & French 2005; Billé 2009; Almeida, Papavero & Teixeira 2014). Sabemos, ainda, que a chegada dos europeus na América propiciou um outro encontro entre saberes humanos e espécies animais previamente desconhecidas, a saber, aquele entre os povos ameríndios e os animais introduzidos com a conquista: bois, cavalos, burros, galinhas, cachorros, porcos, gatos, ratos, pombos e outros, sem falar na miríade de artrópodes, vermes e microrganismos (Crosby 2003[1973]). Tais encontros, que se desdobraram do lado ocidental do Atlântico, restam muito menos conhecidos do que os impactos da fauna Americana na Europa, dada a escassez de registros escritos e a um desinteresse geral – ao menos por parte da antropologia – pelas dimensões cotidianas da vida social, dimensão na qual a maior parte desses seres exógenos acabou inserida. Assim, muito ainda carece se fazer no rumo da compreensão da chegada, introdução, difusão, adap-

tação, circulação e uso desses seres exóticos (europeus ou africanos) entre os povos ameríndios, a fim de começar a construção de um panorama geral dos impactos materiais (na produção, territorialidade, tecnologia) e simbólicos (na mitologia, ritual, história, arte) dessas espécies nas paisagens ameríndias das terras baixas sul-americanas. Uma dessas paisagens refere-se ao período da ocupação holandesa do nordeste do Brasil (1630-1654): trata-se, então, de investigar os modos como os povos indígenas nos litorais e sertões do Brasil holandês conheceram e finalmente adotaram os animais introduzidos, incorporando-os em suas concepções de mundo e em suas práticas cotidianas e rituais. Sabe-se que a fauna brasileira impressionou grandemente cientistas e artistas batavos (Brienen 2007). Mas, em meio aos relatos, desenhos e pinturas das singulares criaturas nativas, podemos encontrar, aqui e ali, testemunhos da difusão e aclimação de espécies adventícias, incluindo sua presença e uso em aldeias indígenas na região. Este eixo de investigações buscará iluminar uma faceta ainda pouco explorada do mundo colonial Atlântico: se houve intenso tráfico de conhecimentos e de espécimes (e de objetos confeccionados com partes dos corpos desses seres) da América para a Europa (Françozo 2014), existiu também um fluxo oposto, da Europa para o Novo Mundo, que trouxe animais e os “pacotes tecnológicos” envolvidos nos processos de domesticação e aproveitamento (cf. Descola 2002). Este trânsito teve enorme impacto na história do Brasil; ademais, o aparecimento desses seres teve, igualmente, relevância para os povos ameríndios, como demonstram alguns estudos (Vander Velden 2012). Nosso objetivo deve ser, assim, estudar o surgimento e a eventual adoção de animais exóticos nos mundos indígenas no Brasil holandês, buscando compreender de que formas esses seres foram percebidos, conhecidos e incorporados por estes povos em suas cosmologias e em suas atividades materiais. É muito provável que os holandeses não tenham aportado novas espécies ao universo daqueles já conhecidos pelos grupos Tupi e Tapuia desde a chegada dos portugueses, com a possível exceção de alguns animais trazidos da África (como algumas espécies de macacos, conforme Françozo e Lammens 2018); mas podem ter gerado uma distinta economia de circulação desses seres (de cavalos, por exemplo, prezados para o transporte e para a guerra), fundada, por exemplo, em suas alianças com grupos no interior das capitânicas do norte do Brasil, como os Tapuia Tarairiu.

O ponto, aqui, é buscar atravessar as densas camadas simbólicas que recobrem as imagens textuais e iconográficas produzidas pelos batavos na busca pela materialidade da presença desses animais exógenos entre os povos Tupi e Tapuia na porção mais oriental da América. Sempre intrigou-me ver, ali, aos pés da conhecida “Mulher Tapuia” (1643), na tela do pintor holandês Albert Eckhout (hoje no Nationalmuseet de Copenhagen), um cachorro tranquilamente bebendo água de um regato, enquanto a indígena exibe nas mãos e no cesto que carrega às costas pedaços de um inimigo morto que serão posteriormente devorados (cf. Vander Velden 2014: 34-35). Muito já foi dito sobre a simbologia deste cão

na economia da pintura de Eckhout: juntamente com a alusão ao canibalismo e alguns outros elementos – incluindo-se o diálogo com as outras sete telas que compõem o conjunto dos tipos humanos etnográficos produzido pelo artista –, o cachorro destina-se a acentuar a selvageria associada aos grupos Tapuia do interior (e que se contrapõe à vida ordeira e pacífica dos povos Tupi na zona litorânea), compondo uma imagem de violência, primitivismo e incivilidade. Elemento heráldico que espelha o temperamento sanguíneo da mulher tapuia (Gutlich 2005: 60-66), a ausência de civilização expressa no paralelismo entre comer carne humana (a mulher) e comer fezes (o cão) – ambos, figuras do excesso, signos da alimentação imprópria e, daí, da sujeira e da degradação (Briener 2007: 124-126) ou expressão cristalina do vínculo entre o canis e o canibal (e, afinal, também o Carib) eruditamente anotado por Frank Lestringant (1997) –, ninguém parece ter notado o fato bruto de que não havia cães nesta porção do planeta até a chegada dos europeus. Os únicos a apontar para algo além do simbolismo evidenciado na associação humano-animal na tela de Eckhout parecem ter sido Teixeira e de Vries (2004: 69), afirmando haver ali um “domestic dog (*Canis familiaris*), introduced by the Portuguese”. Contudo, ao inserir o cão no conjunto dos animais que figuram nas duas telas que retratam o casal Tapuia – serpente, aranha, lagarta, todos eles peçonhentos, note-se¹ –, vários autores ponderam que talvez humanos e não humanos em associação sugiram noções de agressividade, articuladas pelo pintor e ligadas à selvageria e ao primitivismo que se atribuía tanto aos habitantes indígenas como à natureza americana.

Pergunto-me, por outro lado, se o animal não poderia ser tomado também como exemplo da convivência entre índios e cães introduzidos pelos conquistadores: um fato, talvez curioso ou singular, captado pelo olhar perspicaz do artista neerlandês? Cachorros trazidos pelos portugueses já deviam circular havia algum tempo pelas aldeias indígenas no nordeste brasileiro quando da ocupação holandesa no século XVII e, possivelmente, haviam atingido as aldeias dos grupos Tapuia espalhadas pelos sertões do interior, sendo empregados – como, de resto, aconteceu por todas as regiões da América do Sul onde a espécie não era nativa – como companheiros e auxiliares na caça. Isso nos convidaria a refletir sobre o real exotismo desses animais, uma vez que foram tão rapidamente adotados e aclimatados pelos grupos indígenas. Talvez por isso Ana Luisa Fayet Sallas (2013: 181) possa fazer uma afirmação, à primeira vista contraditória – tendo em vista que os cães não eram nativos dessa região –, a respeito das pinturas: que elas retratam “uma natureza selvagem, sem nenhum indicador de cultivo ou domesticação”. Mas o cachorro, animal exótico, só pode ser dito “selvagem” se, efetivamente, estivesse já plenamente incorporado às sociocosmologias nativas. Deve-se ter em conta, ainda, que em geral “[E]uropean judgments of indigenous dogs had historically been quite negative” (Golub 2005: 8). Quem sabe Eckhout tenha registrado, para além do comentário crítico sobre o canibalismo e a ferocidade dos nativos, os primórdios de uma relação

de convivência e companheirismo que marcará as relações entre humanos e caninos nas terras baixas sul-americanas pelos séculos vindouros?

Até onde sei, artefatos (sejam reconhecidos como arte, artesanato ou objetos utilitários) indígenas produzidos com materiais ou (sub)produtos originados de animais domesticados introduzidos jamais foram objeto de pesquisa detalhada: na verdade, conhecemos muito pouco da adaptação dessas novas matérias-primas exóticas – couros e peles, dentes, ossos, tendões, nervos, chifres, cascos, fibras, escamas, penas e plumas, entre outros – aos sistemas artístico-estéticos e tecnológicos indígenas. Sabemos, por exemplo, que os Kadiwéu muito rapidamente passaram a produzir seus famosos grafismos sobre suportes exóticos, como couro e crânios de bovinos (Siqueira Jr. 1992), além de artefatos próprios relacionados à montaria e ao transporte empregando cavalos e bois (como alforjes de fibra de caraguatá²), mas não há estudos relativos a tais práticas, técnicas e objetos. Coleções de museus europeus e sul-americanos guardam uma grande quantidade de peças ameríndias confeccionadas com matérias-primas oriundas de espécies exóticas – ossos, penas, dentes mas, sobretudo, couro e chifre (este último frequentemente empregado na fabricação de recipientes para líquidos, pólvora e outras substâncias, e de instrumentos musicais) – e que aguardam estudos mais detalhados³. Tais artefatos, que integram novos materiais, técnicas e funções até então ignorados aos repertórios tradicionais indígenas, possivelmente abundam nos contextos de convívio com as espécies introduzidas, e demandam investigação mais detalhada de suas posições nos sistemas de objetos (cf. Hugh-Jones 2009) nativos, seja em seus regimes artísticos ou tecnológicos.

Penas de galinhas domésticas (e de outras aves não nativas), por seu turno, têm sido desde há tempos incorporadas à arte plumária indígena (cf. Vander Velden 2012a), sendo muito comuns entre os povos indígenas no Nordeste do Brasil (Grünewald 2001; Barbosa 1999), mas não só, como demonstra o caso Karitiana, que fazem largo uso, em seu artesanato hoje, de penas de galinhas, patos e mesmo pavões, todos exóticos (Vander Velden 2018). Até mesmo no famoso manto Tupinambá depositado no National Museum of Denmark em Copenhagen encontramos plumas de galinhas domésticas coloridas artificialmente entre suas belas penas vermelhas (e autóctones) do guará, *Eudocimus ruber* (cf. Petersen e Sommer-Larsen 1979-1980), além de miçangas também importadas. Outros povos seguramente adotaram essas novas matérias-primas em sua cultura material, mas existem tão somente menções breves na documentação e nos trabalhos etnográficos, não tendo sido efetuados em qualquer contexto até o momento. O mesmo se diga da incorporação da imagem desses seres à produção de objetos de arte indígenas: sabemos, por exemplo, que os grupos Guarani-Mbyá no leste do país esculpem, entre seus “bichinhos” de madeira leve, animais exóticos como cães e bois (Faraco 2015); o mesmo fazem os Kadiwéu, que esculpem bois e cavalos em madeira.

Devemos, assim, empreender esforços para coletar e analisar informações acerca do uso de matérias-primas e produtos ou substâncias de origem animal exó-

tica nos universos artísticos e tecnológicos nativos, bem como as noções cosmológicas e práticas socioambientais vinculadas a esta incorporação de elementos materiais alienígenas no cotidiano das aldeias.

A quarta proposta de investigação parte de uma reflexão que iniciei já em 2010, e que redundou na publicação de um primeiro artigo exploratório sobre o tema (Vander Velden 2011a), artigo que já demonstrava não apenas a carência de estudos relativos à adoção, adaptação, aclimatação e criação de animais de criatório (rebanho) nas aldeias indígenas nas terras baixas sul-americanas, como salientava a riqueza de possibilidades de investigação. Várias são as questões que importam esmiuçar aqui: as modalidades de criação animal indígenas e as técnicas e tecnologias (materiais e simbólicas, rituais, mágicas) a elas associadas; conhecimentos e práticas zootécnicas e veterinárias indígenas – o que poderia ser definido como etnozootecnia e etnoveterinária nativas (cf. Hirschkind 2002); o desenvolvimento local de técnicas, tecnologias e artefatos relacionados à criação e ao manejo de rebanhos e animais de criatório; os rituais relacionados aos rebanhos e à criação de animais e seu aproveitamento para fins diversificados (como já realizado, por exemplo, para os Andes peruanos por Rivera Andía 2014); as relações dos povos indígenas com a expansão da pecuária e com a hegemonia dos discursos que promovem e louvam o agronegócio e a indústria da carne no Brasil (cf. Vander Velden 2011b); as percepções indígenas sobre “raças” ou diferentes qualidades de animais de criatório; as formas de organização do trabalho, de divisões socioeconômicas e de riqueza indígenas associadas à manutenção de rebanhos nas comunidades; a participação da criação animal nas economias indígenas (Schröder 2003) e os múltiplos projetos de introdução ou melhoramento da pecuária entre povos ameríndios, seus sucessos, motivações, descompassos e fracassos (cf. Vander Velden 2016) – que continuam a ser relatados, como a derrocada recente de uma projeto de criação de galinhas entre os Xipayá (Pará), em função da (motivo comumente divulgado) “inadequação desse tipo de produção para a realidade indígena” (Postigo, Straatmann e Salazar 2017: 350); as modalidades indígenas de marcação do gado (cujo estudo foi inaugurado por Lévi-Strauss & Belmont 1963); e outras questões que poderão ser reveladas no decorrer das pesquisas. Deve-se, inclusive, testar-se a hipótese de que os saberes, técnicas e simbolismos da pecuária nas Américas representam não a imposição de uma prática europeia, mas o resultado do amálgama entre conhecimentos estrangeiros e nativos, situados entre a criação/familiarização e a caça (cf. Saumade 2014). Aqui, também, espera-se abordar o material relativo às críticas indígenas dos métodos e técnicas de produção industrial de animais e seus subprodutos (indústria da carne), do qual já temos alguns vislumbres (Stefanuto 2017)⁴. Este conjunto de questões está naturalmente conectado aos trabalhos em torno da expansão do gado já discutidos acima.

Existe, por exemplo, uma expressiva coleção de publicações e de relatórios não publicados produzidos pelo Serviço de Proteção aos Índios (SPI), órgão indi-

genista oficial brasileiro (que antecedeu a atual FUNAI), que trazem informações sobre as insistentes tentativas de sedentarizar grupos indígenas por todo o país por meio de sua transformação em agricultores e em criadores de grandes animais de rebanho, voltados ao fornecimento de carne, leite, couro, transporte e trabalho. Vários relatórios da Comissão Rondon, por exemplo, louvam a criação de gado entre os Bakairí (no Mato Grosso) – que usavam, como outros povos ameríndios, bois, mais do que cavalos, para o transporte de pessoas e demais cargas –, afirmando, por exemplo, em outra prancha (Rondon 1953: 77), que “não falta leite para as crianças Bacairí [sic]”. Embora Edir Pina de Barros (2003) tenha discutido a relação entre os Bakairí e os bois (especialmente em seus aspectos simbólicos), ainda conhecemos pouco do que poderíamos denominar de uma (etno)pecuária indígena ali.

Entre as questões mais significativas que se inserem nesta proposta emergente de pesquisa está a análise dos imensos rebanhos de dezenas de milhares de bovinos (que incluía também equinos, caprinos, ovinos e outros) acumulados nas reduções jesuíticas no Paraguai (Sarreal 2013)⁵. Sobre esta zona, nos informa Ana Lucia Camphora (2017: 114):

“No Sul, o gado introduzido pelos jesuítas ocupou regiões de relevo mais suave, com solos úmidos e mais ricos. Grandes rebanhos, com cerca de 400 mil cabeças, as ‘vacarias do mar’, eram criados soltos e ‘caçados’ a tiros, como animais selvagens. O indígena da bacia do Prata era caçador e mercador dos rebanhos criados no pampa gaúcho”.

De fato, uma análise renovada da introdução da criação de gado nas missões jesuíticas na bacia platina demonstra que os religiosos jamais lograram converter os Guarani em pecuaristas, muito embora eles fossem amantes da carne de vaca; vários fatores, especialmente a existência de enormes rebanhos de bois asselvajados (*alzados* ou *cimarrones*) na região e o valor e prestígio associados às atividades cinegéticas, teriam mantido os Guarani como caçadores, e não criadores, de bois até os anos finais do século XVIII (Sarreal 2013: 111-117). O argumento de Julia Sarreal é persuasivo, mas é preciso cuidado para não recair numa espécie de “atavismo” que condena caçadores originais a uma perpétua relação de predação com animais (cf. Gordillo 2006: 279): a existência de pecuárias indígenas em várias partes das terras baixas confirma que a mudança é possível, e penso que apenas a análise da documentação disponível para os séculos XIX e XX e etnografias com grupos Guarani contemporâneos na mesma região poderá vir a elucidar a questão.

De um modo geral, a relação dos povos indígenas nativos com os bovinos e equinos que desde muito cedo espalharam-se pelos campos naturais do sul da América do Sul (nos atuais territórios do Uruguai, da Argentina e do Brasil meridional) tem sido bastante investigada, conforme já aludimos acima. Há, ainda, contudo – e para além da questão da relação entre caça e criação/domesticação que parece ter

caracterizado esta relação dos índios missionarizados com os bovinos –, uma série de questões curiosas que merecem ser estudadas, como, por exemplo, o possível desenvolvimento de uma raça de bovinos entre os Guarani missionários (ou como consequências das atividades desses predadores de bois) e a existência de complexas formas de classificação e nomenclatura de cavalos a partir de suas cores, registradas, por exemplo, entre os Tehuelche e Teushen na Patagônia argentina (Viegas Barros 2005: 132). Também merece estudo a chamada “doma índia” de cavalos, praticada em toda a região (para o caso do Brasil, ver Lima 2015; Kosby, Lima e Rieth 2017), e considerada herdeira das práticas da adoção dos cavalos pelos índios Ranquel (Mapuche) de La Pampa (Argentina), entre os quais não se maltratavam os animais em treinamento, mas também não se lhes davam comida, permitindo que se aproximassem das pessoas (Mansilla 1966: 290). Em que pese uma possível romantização da figura do índio na ideia de uma “doma gentil” de equinos, que busca se colocar em continuidade com o mundo dos animais (equiparando, de certo modo, a cultura e a natureza), os dados disponíveis podem estar indicando a permanência de modalidades indígenas de amansamento/familiarização de animais – como, por exemplo, na ideia de que não se alimentavam os animais, comum, aparentemente, nas formas de domesticidade ameríndias em que esses seres (pelo menos quando adultos) têm que “se virar” para obter alimento (Vander Velden 2016a). Há ainda, entre as informações dispersas a serem analisadas com mais cuidado, a importância do treinamento desses cavalos para a guerra – algo que se passou em várias partes do continente americano –, e certas evidências fragmentárias desse empreendimento, como nesta explicação de por que os Mapuche resistiram durante quase 300 anos à conquista espanhola de seu território: “o cavalo ranquel aprende comportamentos de ‘predador’, atacando com patas dianteiras e dentes quando ordenados a isso” (Kosby, Lima e Rieth 2017: 216, nota 32).

Que animais figurem de maneira proeminente nas narrativas míticas indígenas é sobejamente conhecido pela etnologia americanista: a mitologia, afinal, são as histórias do tempo em que os animais falavam (Lévi-Strauss e Eribon 1990). Pouco sabemos, entretanto, sobre a posição, os papéis e as trajetórias de espécies da fauna exótica – domesticadas ou não – nas tradições míticas sul-americanas, ainda que existam ricas narrativas sobre esses seres, como os cães na mitologia Kayapó/Mebengokre (Wilbert 1978: 318-324) e os bois/rebanhos nos ciclos míticos de Aukê entre os grupos Timbira no cerrado brasileiro (Kowalski 2008), além de certas figuras híbridas monstruosas, combinando características humanas e não-humanas (e, entre elas, algumas extraídas de espécies introduzidas pós-contato), e parte dos assim chamados “imaginários indígenas” (Magaña 1986). Este conjunto de pesquisas, que constitui outro tópico dentro desse conjunto de propostas aqui discutidas, deve buscar a análise da presença desses seres nos distintos corpora mitológicos indígenas, incluindo investigações comparativas. É certo que a investigação que concerne aos animais introduzidos nos textos míticos deve conduzir a uma série de reflexões

sobre múltiplos temas, incluindo-se aqueles abordados pelos outros temas aqui propostos; além disso, é fato que a análise da mitologia deverá servir para uma crítica da própria noção de exotismo ou da ideia da origem exógena desses seres, o que nos leva a uma discussão sobre os distintos regimes de história e historicidade destes povos: com efeito, se alguns grupos (como os Karitiana) reconhecem plenamente a origem estrangeira de cães, gatos e cavalos, diferenciando-os daqueles seres que foram criados “no tempo antigamente” (o que poderíamos definir, tecnicamente, como tempo mítico) – e afirmando, por exemplo, que “cachorro não tem história” (ao contrário de antas, queixadas e onças, por exemplo; cf. Vander Velden 2012b) –, outras cosmologias nativas sustentam que esses seres existem desde as origens, contrariando a explicação obviamente historicista que posiciona a chegada desses animais na porção oriental das Américas em 1492 (ou em 1500, para o caso brasileiro). Deste modo, o estudo das espécies animais introduzidas pelo contato – definição operacional, portanto, e que deverá ser revista e criticada a partir dos materiais míticos e etnográficos disponíveis – pode contribuir decisivamente para a reflexão antropológica sobre o tempo e a história, entre outras discussões de grande relevância.

Outra temática que merece maior atenção dos estudos sobre as relações entre humanos e animais nas terras baixas sul-americanas constitui uma novidade no conjunto de pesquisas sobre o assunto: as ideias, concepções e práticas materiais e semióticas relacionadas aos assim chamados animais sinantrópicos (ou comensais) e os animais invasores introduzidos, ou seja, aqueles que, embora não domesticados, vivem e prosperam na presença de seres humanos ou sobre atividades humanas de criação e transformação dos ambientes (Bruno & Bard 2012; Gade 2015: 32-33; Moreno 2018), e aqueles que, selvagens ou silvestres (categorias sempre provisórias), não fazem parte das biotas nativas, tendo ocupado determinada região em função da ação humana (consciente ou inadvertida) ou de alguma alteração ambiental. Tratam-se de duas categorias bastante diversificadas de seres (e, óbvio, regionalmente variadas) que incluem (para as terras baixas sul-americanas) ratos e camundongos, pombos, pardais e outras aves, baratas, abelhas europeias ou africanas e outros artrópodes, certos peixes, cães e gatos ferais, javalis, entre outros. Na minha tese de doutorado (Vander Velden 2012b: 289-291) fiz algumas observações sobre as percepções dos Karitiana a respeito de alguns desses seres, como ratos, abelhas (europeias e africanizadas) e pombos. Mas muito pouco se conhece da presença desses seres exóticos não-domesticados entre as sociedades nativas do continente. Obviamente os fundamentos da categoria “sinantrópico” devem sofrer críticas etnográficas quanto ao seu conteúdo – por exemplo, na complexa relação entre doméstico e selvagem envolvida na ideia de animais comensais, ou nas ideias de convívio interespecífico, de origem exótica (conforme discutido acima) e das relações humano-animal em contextos de transformação ambiental. A mesma crítica é válida para a noção de “invasor”, ou “espécie invasora”, que deve sempre ser submetida ao crivo dos dados etnográficos, mesmo porque sabemos, de casos relatados

em outras partes do planeta, que o que a zoologia considera exótico nem sempre é assim percebido por populações nativas (cf. Trigger 2008)⁶; nesse sentido, as reflexões nesta temática devem se cruzar com as discussões sobre as historicidades indígenas afetas ao tópico anterior.

Um outro esforço de pesquisa promissor, mas muito pouco explorado até o momento, deve se ocupar, a partir da coleção de nomes atribuídos pelos povos indígenas sul-americanos às “espécies” introduzidas pós-contato, com a tarefa de elucidar as lógicas subjacentes a estas formas de nomenclatura – as formas de “aculturação lexical” (Brown 1999) relativas aos seres vivos adventícios. Neste eixo – que herda uma preocupação inaugurada, de maneira sistemática, pelo sueco Erland Nordenskiöld (1922) – deve-se montar uma listagem o mais completa possível de nomes para, em seguida, analisar sua formação, composição e histórico – ou seja, as lógicas por detrás dos nomes de seres exóticos –, tendo-se em vista, obviamente, os modos de nomeação de “espécies” nativas. A noção de “espécie” encontra-se entre aspas, particularmente aqui, porque as sociedades indígenas nem sempre reconhecem (e, portanto, nomeiam) os mesmos animais ou o mesmo conjunto de animais tais como classificados pela zoologia (seja científica ou popular) ocidental: conhece-se há tempos, por exemplo, a comum distinção categorial entre os animais de presa e os animais familiares, pensados como criaturas distintas mesmo quando, do ponto de vista científico-zoológico, pertencem a uma mesma espécie (Erikson 1987); sabe-se, ainda, sobre a muito frequente associação, nas terras baixas, dos cães de origem europeia com felinos (especialmente com a onça-pintada), e não com os canídeos nativos (Descola 1994a: 230; Villar 2005: 499). Sabemos, aliás, que nem mesmo a própria palavra “animal” – que circunscreve um conjunto mais ou menos definido de seres com uma origem e características naturais comuns – existe em muitas línguas ameríndias (Viveiros de Castro 2006: 327-329). Trata-se, neste caso, não da análise dos nomes “pessoais” ou “próprios” dos animais (Vander Velden 2013), e nem das formas de se comunicar com esses seres (Kohn 2007; Dienst e Fleck 2009) – temas que já têm sido objeto de estudos –, mas da pesquisa em torno das lógicas de nomenclatura de “espécies” ou *tipos* (como dizem os Karitiana) de seres. Metodologicamente, este tópico demanda o trabalho exaustivo com dicionários e léxicos de línguas indígenas, bem como a colaboração de especialistas em línguas indígenas, o que deve impulsionar redes de pesquisa colaborativa interdisciplinares.

As pesquisas sobre os nomes que receberam as “espécies” introduzidas deverão elucidar, também, algo da relação entre selvagem/silvestre/caça e doméstico/familiar/criação – lembrando-se, sempre, que estes são conceitos provisórios que devem ser submetidos à crítica etnográfica, embora eles talvez possam ser equacionados, no pensamento indígena, à oposições como (entre os Karitiana) animal do mato (*gopit*) e animal de criação ou de casa (*by'edna*) (cf. Vander Velden 2017b). A questão aqui radica nas evidências de que, em vários contextos históricos e etnográficos (como entre os Krahó), certos animais exóticos como os bois foram

compreendidos como animais de presa, passando, assim, a ser caçados; tal resposta indígena aos bovinos estaria ligada ao fato de que estes animais movimentaram-se *motu proprio* pelos sertões do Brasil, conquistando territórios antes mesmo da chegada dos invasores humanos que os acompanhavam. Caberá investigar o quanto dessa sugestão não decorre da imagem – já demolida pela historiografia especializada (Mott 1979; Macedo 2011) – de um sertão sem gente e, sobretudo, sem índios, substituídos muito rapidamente, na história colonial, pelo gado. Dever-se-á, ainda, buscar compreender de que formas o “pacote tecnológico” (cf. Turbay 2002: 102) associado aos animais introduzidos e as características marcantes desses mesmos seres (a própria materialidade de seus corpos e hábitos) podem ter contribuído nas formas nativas de percebê-los, entendê-los e nomeá-los. Assim, ainda que os Kari-tiana denominem bois de “antas dos brancos” (*opoko irip*), eles sabem muito bem que uma vaca não é uma anta (tanto que abatem antas do mato para comer mas não o fazem com bois que eventualmente são criados nas aldeias), o nexos entre os dois seres – expresso na nomeação – sendo dado pelo couro duro e resistente compartilhado pelas duas “espécies”.

Gostaria, por fim, de propor uma última frente de estudos que pode se mostrar muito promissora para nosso melhor entendimento da inserção e permanência dos animais de origem estrangeira entre os povos ameríndios sul-americanos. Trata-se do que eu e Celeste Medrano denominamos, provisoriamente, de Zoologia Cristã (ou Católica, ou Bíblica) Ameríndia. Aqui concerne investigar as formas pelas quais os animais tomam parte nas relações entre os povos indígenas e o cristianismo nas terras baixas. Por exemplo: de que formas as muitas versões da Bíblia para os vernáculos indígenas traduziram os nomes dos animais (estranhos, em sua maioria, aos cenários neotropicais) que aparecem no livro? Ou, por outro lado, de que modo animais nativos foram incorporados às histórias bíblicas? Quais as relações dos santos e outras figuras do cristianismo com os animais, especialmente com aqueles não-nativos? Temos, já, alguns vislumbres das possibilidades de pesquisa sobre este tópico, como no caso do Monge São João Maria, figura sagrada proeminente nos movimentos entusiásticos conhecidos como Contestado (ocorridos no início do século XX entre Paraná e Santa Catarina), que se comunica com certos xamãs (*kujá*) Kaingang no sul do Brasil “em forma de animal, cachorro, tigre, pássaro tudo [todo] tipo de animal (...)” (Biazi 2017: 241). Ou entre vários grupos Mbyá-Guarani, para quem o dono dos cães das aldeias é São Roque (Santos 2017: 76), sua corruptela Xandroke (Pierri 2013: 219), ou, ainda, São Jorge, *kavaju ar re ua’i*, “aquele que está sobre o cavalo” (Keese dos Santos 2017: 171).

* * *

De tudo isso é necessário, por fim, que se venha a extrair implicações teóricas dessas sugestões de pesquisas futuras. É imperativo – dada a pouca clareza que tem acompanhado o uso de certas noções – retomar um conjunto de reflexões que

vêm sendo realizadas por autores americanistas (Erikson 1987; Fausto 1999; Descola 2002; Cormier 2003; Garcia 2011, entre outros) debruçados sobre as relações de domesticidade (especialmente no tocante à familiarização), de companhia ou vida em comum, que conectam coletivos humanos e distintos seres não humanos – com especial ênfase nos seres que denominamos animais – nas terras baixas da América do Sul, de modo a interrogar a natureza dessas relações, assim como a repensar as próprias noções de *domesticidade* e de *domesticação*. Estes trabalhos devem ser somados – mas a tarefa ainda está por ser feita – aos esforços dispendidos numa revisão teórica geral do conceito de (e da história da) domesticação de animais por autores de distintos campos acadêmicos: antropologia, filosofia, história, biologia, ecologia (Haraway 2008; Fijn 2011; Anderson et al. 2017; Swanson, Lien e Ween 2018). Trata-se, afinal, de procurar, sobretudo em trabalhos etnográficos, informações a respeito das relações de domesticidade nas sociedades nativas do continente – relações que, diga-se de passagem, acreditava-se ausentes aqui em tempos pré-colombianos (Descola 2002), ainda que haja evidências da presença de certas espécies domesticadas, ou, ao menos, manejadas ou semi-domesticadas (atenção deve ser dada a estes diferentes conceitos), como o pato (Sick 1984: 85) e as abelhas meliponíneas nativas (Camargo e Posey 1990) em aldeias indígenas sul-americanas. Ademais, sabe-se, hoje, que noções análogas à domesticidade (como familiarização, amansamento e afins) perpassam certas relações, práticas sociais e conhecimentos cosmológicos ameríndios, tal como o parentesco, a captura de cativos de guerra, o trabalho, a alimentação e a constituição de corpos, a fabricação e uso de objetos, entre outras (Santos-Granero 2009a e 2009b). Trata-se, enfim, de investigar se se pode dizer, no que concerne aos animais introduzidos após a conquista, se eles são tornados “ferramentas vivas” (*living tools*) dos grupos humanos que os adotaram e deles passaram, talvez, a aproveitar suas potencialidades (Shipman 2015: 197).

Para além de se escrever uma (ou múltiplas) história(s) alternativa(s) desses seres adventícios neste amplo território, o que está em questão, aqui, portanto, é uma leitura em paralelo da etnologia americanista e dos estudos antropológicos sobre relações entre humanos e animais (cf. Vander Velden 2017a e 2017b), de modo que ambos possam ser beneficiados. Essas leituras, aliadas ao conjunto de temas ou tópicos elencados acima, deve nos permitir um conjunto de reflexões críticas adicionais a uma série de questões ainda mal resolvidas na etnologia americanista, que não se esgotam no problema da domesticação/domesticidade: a questão da pertinência, ou não, de noções como “animal” e “espécie”, entre várias outras; a questão dos regimes de historicidade indígenas, pensados a partir da crítica etnográfica da relação entre nativo e exótico/invasor, ou antigo/tradicional e novo/introduzido; a questão da relação entre selvagem/do mato e doméstico/de casa, relativas às modalidades indígenas de percepção e ocupação dos territórios; e, por fim, obviamente, a velha questão da relação entre natureza e cultura, sobretudo nas terras baixas sul-americanas, colocando-se em cena esses seres, que geralmente não são presas

de caça, nas reflexões animistas e perspectivistas, fortemente centradas em práticas e teorias da caça.

Faz-se necessário, ainda, descrever os impactos esperados deste conjunto de pesquisas. Primeiro, elas necessariamente envolvem um esforço colaborativo e uma abordagem interdisciplinar, combinando a antropologia (e a história) e a biologia (entre outras áreas do conhecimento, como a linguística), uma vez que as informações sobre a introdução, difusão e presença das espécies animais entre as sociedades indígenas no Brasil e outros países sul-americanos, ontem e hoje, deverão ser analisadas tanto à luz das cosmologias nativas quanto dos conhecimentos zoológicos e etológicos disponíveis sobre estes seres. Trata-se, como disse, de aliar dois campos de estudos no interior da antropologia: a etnologia americanista e os estudos sobre relações entre humanos e não humanos (especialmente os animais), estes últimos em estreito contato com as ciências da vida (cf. Haraway 2008; Kirksey & Helmreich 2010). Segundo, parte das reflexões que deverão ser produzidas por estas pesquisas estarão debruçadas sobre importantes questões nacionais contemporâneas, a saber: o enorme impacto da expansão recente da pecuária e da indústria da carne na economia brasileira (e de países vizinhos, como o Paraguai e a Colômbia) e seus desdobramentos em outros domínios da vida nesses países, como na questão ambiental. O tema da conservação ambiental, deste modo, constitui um terceiro potencial impacto destas pesquisas, na medida em que elas devem também se demorar sobre as consequências, dos pontos de vista indígenas, da notável (e contínua) expansão da criação animal pelo continente que, começando pelo litoral e pelos sertões do nordeste do Brasil e pelos campos naturais da savana guianense, dos llanos venezuelanos e do sul (Argentina, Uruguai e Brasil), avança hoje – não só materialmente, mas também simbolicamente – pela Amazônia e pelo Chaco, alcançando, com seus bois, cavalos, galinhas e cachorros, os mais distantes lugares onde as pessoas ainda vivem (viviam?) apenas entre onças, papagaios e sucuris⁷.

Agradecimentos

Este artigo foi lido e discutido em um seminário conjunto do NAPER (Núcleo de Antropologia do Estado, da Política e das Relações de Mercado) e do NEA (Núcleo de Estudos Ameríndios), ambos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Paraná (UFPR), realizado em Curitiba, Paraná, Brasil, em setembro de 2018; agradeço as contribuições críticas de todos os participantes do seminário, mas especialmente à Ciméa Bevilaqua, João Rickli, Edilene Cofacci de Lima, Andréa Oliveira Castro e Tieme Lobato. Em seguida, foi discutido em seminário do projeto ERC Starting Grant *BRASILIAE. Indigenous Knowledge in the Making of Science: Historia Naturalis Brasiliae (1648)*, ocorrido no Department of Archaeological Heritage and Society da Universiteit Leiden, em Leiden, Países Baixos, em outubro do mesmo ano; neste seminário o artigo foi debatido por Maria-

na Françoço, Leandro Cascon, Caroline Caromano, Renata Cúrcio Valente e Mireia Rodriguez, a quem também agradeço. Geraldo Andrello e Luisa Fanaro também contribuíram para que o texto original fosse melhorado.

Notas

- 1 Uma possível conexão entre esses três seres de classes distintas (um réptil, um aracnídeo e um inseto) está na forma popular, em certas partes da Amazônia ocidental, por exemplo, de denominar “inseto” todo tipo de pequeno animal venenoso, incômodo ou perigoso, o que pode incluir mesmo serpentes (Carneiro da Cunha & Barbosa de Almeida 2002).
- 2 Pude manusear um desses alforjes pertencente à coleção de Guido Boggiani, que consta do acervo do Museum Volkenkunde em Leiden, nos Países Baixos. Trata-se de uma espécie de manta com dois bolsos laterais, que eram, segundo Renata Valente (comunicação pessoal) jogadas sobre o lombo do cavalo, possibilitando, assim, o transporte de gêneros de ambos os lados do animal.
- 3 O Museu Paranaense, em Curitiba, Paraná (Brasil) guarda alguns objetos desta natureza, como recipientes (provavelmente para guardar pólvora ou para o consumo de mate, infusão das folhas de *Ilex paraguayensis*) confeccionados de chifres bovinos e provenientes de povos como os Kaduwéu e os Toba-Ejnok (Paraguai). Da mesma forma, o Welt Museum, em Viena, cuja reserva técnica também tive a oportunidade de visitar, abriga muitos objetos produzidos de chifre, couro bovino ou equino e mesmo o que parece ser crina de cavalo, muitos deles pertencentes às ricas coleções dos naturalistas austríacos (sobretudo Johann Natterer e Johann Emanuel Pohl) que percorreram o Brasil no século XIX. Todos estes materiais deverão ser abordados em pesquisas futuras.
- 4 Entre as informações dispersas quanto a este ponto, veja-se a observação de um rapaz Terena que trabalhou em uma granja, tendo ficado horrorizado ao ver uma chocadeira produzir milhares de pintinhos de uma só vez: “eu não comi nunca frango enquanto tava lá, dava nojo” (Carvalho 2008: 87).
- 5 Sabemos que também havia grandes rebanhos nas missões espanholas de Mojos e Chiquitos, no atual território boliviano. Trata-se de outro tema que aguarda investigação: em Chiquitos, já no século XVIII o gado foi repartido entre os indígenas e, embora a experiência missionária tenha chegado ao fim, hoje em dia os Chiquitano na Bolívia estão cada vez mais voltando-se para a criação de gado (Fernández & Ramos 2013: 99).
- 6 Há evidências, a serem exploradas pelas pesquisas, de que povos indígenas no Brasil também “nativizam” espécies introduzidas: é o caso dos Xukuru, no agreste pernambucano, que sustentam que as tilápias – peixes de origem africana – da represa de Pão de Açúcar são nativas (Lira 2016: 173). Como dito, os regimes ameríndios de historicidade precisam ser investigados antes de quaisquer conclusões sobre a relação entre nativo (existente “desde sempre”) e exótico (introduzido mais recentemente).
- 7 Estou pensando, por exemplo, no avanço da fronteira pecuária paraguaia sobre os últimos territórios Ayoreo livres (Bessire 2014), ou dos bois (e mesmo búfalos) nas muitas fazendas próximas às zonas ocupadas por grupos indígenas em isolamento voluntário, como acontece nas terras indígenas Massaco e Kawahiwa do Rio Pardo e com o “índio do buraco” (Pereira 2018: 104). Recordemos, ademais, no final dos anos de 1970, os recém-contactados Matis solicitando filhotes de cachorro aos sertanistas da FUNAI (FUNAI 1978: 18, artigo que inclui impressionante documentação fotográfica do encontro).

Referências citadas

- Adelman, Mirim e Thompson, Kirrilly (eds.).
2017 *Equestrian cultures in global and local contexts*. 278pp. Springer, Berlin.
- Alioto, Sebastián
2011 *Índios y ganado en la frontera: la ruta del río Negro (1750-1830)*. 248pp. Prohistoria Ediciones/Universidad Nacional del Sur, Rosario.
- Almeida, Argus Vasconcelos de; Papavero, Nelson & Teixeira, Dante Martins
2014 *Animais enviados para Portugal entre 1754 e 1805 pelos governadores da Capitania de Pernambuco*. 72pp. NEHiLP/FFLCH/USP, São Paulo.
- Anderson, David, Loovers, Jan Peter, Schroer, Sara Asu e Wishart, Robert
2017 Architectures of domestication: on emplacing human-animal relations in the North. *Journal of the Royal Anthropological Institute (N. S.)* 23: 398-418.
- Asúa, Miguel de & French, Roger
2005 *A New World of animals: early modern Europeans on the creatures of Iberian America*. 276pp. Ashgate, Hants.
- Barbosa, Wallace de Deus
1999 O artesanato indígena e os 'novos índios' do Nordeste. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* 28: 198-215.
- Barros, Edir Pina de
2003 *Os filhos do sol: história e cosmologia na organização social de um povo Karib – os Kura-Bakairi*. 400pp. Edusp, São Paulo.
- Batista, Joselia
2014 *A evolução da pecuária bovina em Rondônia e sua influência sobre a configuração territorial e a paisagem (1970-2012)*. 262pp. Tese de Doutorado, Departamento de Geografia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- Bertelli, Antonio de Padua
1987 *Os fatos e os acontecidos com a poderosa e soberana Nação dos Índios Cavaleiros Guaycurús no Pantanal do Mato Grosso, entre os anos de 1526 até o ano de 1986*. 174pp. Uyara, São Paulo.
- Bessire, Lucas
2014 *Behold the Black Caiman: a chronicle of Ayoreo life*. 296pp. University of Chicago Press, Chicago.
- Bevilaqua, Cimea e Vander Velden, Felipe
2016 Introdução. In *Parentes, vítimas, sujeitos: perspectivas antropológicas sobre relações entre humanos e animais*, editado por Cimea Bevilaqua e Felipe Vander Velden, pp. 11-50. Editora da UFSCar/Editora da UFPR, São Carlos /Curitiba.

- Biazi, Adriana P. De
 2017. *Espiritualidade e conhecimentos da mata na formação dos especialistas de cura da Terra Indígena Xaçecó/SC*. 267pp. Florianópolis, Dissertação de Mestrado, PPGAS/UFSC.
- Billé, Philippe
 2009 *La faune brésilienne des les écrits documentaires du XVIIe siècle*. 478pp. Honoré Champion Éditeur, Paris.
- Brienen, Rebecca P.
 2007 *Visions of savage paradise: Albert Eckhout, court painter in colonial Dutch Brazil, 1637-1644*. 288pp. Amsterdam University Press, Amsterdam.
- Brown, Cecil
 1999 *Lexical acculturation in Native American languages*. Oxford University Press, New York/Oxford.
- Bruno, Sávio & Bard, Vanessa
 2012. *Exóticos invasores: bioinvasores selvagens introduzidos no estado do Rio de Janeiro e suas implicações*. 116pp. Eduff, Niterói.
- Büll, Paulo
 2018 *Um Jaguar Auxiliar: índios e cães na Amazônia indígena*. 122pp. Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado, PPGAS Museu Nacional/UFRJ.
- Camargo, João M. e Posey, Darrell
 1990. O conhecimento dos Kayapó sobre as abelhas sociais sem ferrão (Meliponidae, Apidae, Hymenoptera): notas adicionais. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi – Série Zoologia* 6 (1): 17-42.
- Camphora, Ana Lúcia
 2017 *Animais e sociedade no Brasil dos séculos XVI a XIX*. 187pp. ABRAMVET, Rio de Janeiro.
- Carneiro da Cunha, Manuela e Barbosa de Almeida, Mauro (editores)
 2002 *Enciclopédia da Floresta. O Alto Juruá: práticas e conhecimentos das populações*. Companhia das Letras, São Paulo.
- Carter, George
 1971 Pre-Columbian chickens in Amrica. In *Man across the sea: problems of Pre-Columbian contacts*, editado por Carrol Riley, J. Charles Kelley, Campbell Pennington e Robert Rands, pp. 178-218. University of Texas Press, Austin.
- Carvalho, Fernanda
 2008 *Koixomuneti: xamanismo e prática de cura entre os Terena*. 143pp. Terceira Margem, São Paulo.
- Cascudo, Luís da C.
 2004 *História da alimentação no Brasil*. Global, São Paulo.

- Cormier, Loretta
2003 *Kinship with monkeys: the Guajá foragers of eastern Amazonia*. 288pp. Columbia University Press, New York.
- Crosby, Alfred
2003 [1973] *The Columbian exchange: biological and cultural consequences of 1492*. 268pp. Praeger Publishers, Westport.
- Cummins, Bryan
2009 *Bear country: predation, politics, and the changing face of Pyrenean pastoralism*. 378pp. Carolina Academic Press, Durham.
- Descola, Philippe
1994a *In the society of nature: a native ecology in Amazonia*. 396pp. Cambridge University Press, Cambridge.
1994b Pourquoi les indiens d'Amazonie n'ont-ils pas domestiqué le pécarí? Généalogie des objets et anthropologie de l'objetivation. In *De la préhistoire aux missiles balistiques: l'intelligence sociale des techniques*, editado por Bruno Latour e Pierre Lemmonier, pp. 329-344. La Découverte, Paris.
2002 Genealogia dos objetos e antropologia da objetivação. *Horizontes Antropológicos* 8(18): 93-112.
- Dienst, Stefan e Fleck, David
2009 Pet vocatives in Southwestern Amazonia. *Anthropological Linguistics* 51 (3-4): 209-243.
- Durães, Francisco
2016 *A 'pata do boi' e os impactos ambientais na região do Araguaia paraense*. 228pp. Paco Editorial, Jundiá.
- Erikson, Philippe
1987 De l'appropriation à l'approvisionnement: chasse, alliance et familiarisation em Amazonie amérindienne. *Techniques et Cultures*, 9 (n.s.): 105-140.
- Faraco, Julia
2015 *Bichinhos Guarani: de artesanato a objeto*. 115pp. Florianópolis, Monografia de Graduação em Ciências Sociais, UFSC.
- Farage, Nádia
1991 *As muralhas dos sertões: os povos indígenas no rio Branco e a colonização*. Paz & Terra, São Paulo.
- Fausto, Carlos
1999 Of enemies and pets: warfare and shamanism in Amazonia. *American Ethnologist* 26 (4): 933-956.
- Fernández, Guillermina e Ramos, Aldo G.
2013 El territorio como legado: cambios y permanencias en las reducciones jesuíticas en la chiquitanía boliviana de 1691 a 2011. *Etnicex* 5: 83-104.

- Fijn, Natasha
 2011 *Living with herds: human-animal coexistence in Mongolia*. 300pp. Cambridge University Press, Cambridge.
- Françoço, Mariana
 2014 *De Olinda a Olanda – o gabinete de curiosidades de Nassau*. 288pp. Editora da Unicamp, Campinas.
- Françoço, Mariana e Lammens, Liesa
 2018 Dutch depictions of Brazilian animals: between narratives of curiosity and descriptions of natural history. Trabalho apresentado no Congresso da Latin American Studies Association (LASA), Barcelona.
- FUNAI
 1978 *Revista de Atualidade Indígena*, ano II, n.º. 8, FUNAI, Brasília.
- Gade, Daniel
 2015 Particularizing the Columbian exchange: Old World biota to Peru. *Journal of Historical Geography* 48: 26-35.
- Galvão, Eduardo
 1963 O cavalo na América indígena: nota prévia a um estudo de mudança cultural. *Revista do Museu Paulista (nova Série)* XIV: 221-232.
- Garavaglia, Juan Carlos
 1999 The crisis and transformations of invaded societies: the La Plata basin (1535-1650), In *The Cambridge History of the Native Peoples of the Americas. Volume III: South America (part 2)*, editado por Frank Salomon e Stuart Schwartz, pp 1-58. Cambridge, Cambridge University Press.
- Garcia, Uirá
 2011 *Karawara: a caça e o mundo dos Awá-Guajá*. 456pp. São Paulo, Tese de Doutorado em Antropologia Social, FFLCH/USP.
- Gilmore, Raymond
 1997 Fauna e etnozoologia da América do Sul tropical. In *Suma Etnológica Brasileira. Volume I: Etnobiologia*, editado por Berta Ribeiro, pp. 217-277. Editora Universitária da UFPA, Belém.
- Golub, Alex
 2005 Shooting Snowy was the toughest job I ever had: the role of dogs in first contact. Trabalho apresentado na Conference Fashioning Anthropology: papers in honour of Gail Kelly, Portland.
- Gordillo, Gastón
 2006 ¿Formas modernas de caza y recolección?” In *En el Gran Chaco: antropologías y historias*. Pp. 277-296. Prometeo Libros, Buenos Aires.
- Grünewald, Rodrigo
 2001 *Os índios do descobrimento: tradição e turismo*. 211pp. Contra Capa Livraria/LACED, Rio de Janeiro.

- Gulich, George
2005 *Arcádia nassoviana: natureza e imaginário no Brasil holandês*. 161pp. Annablume, São Paulo.
- Haraway, Donna
2008 *When species meet*. 440pp. University of Minnesota Press, Minneapolis.
- Hirschkind, Lynn
2002 Sal/Manteca/panela: prática veterinária en los Andes ecuatorianos. *Humanismo y Antropología*, 27: 145-181.
- Hofman, Corinne e van Duijvenbode, Anne (editoras)
2011 *Communities in contact: essays in archaeology, ethnohistory and ethnography of the Amerindian circum-Caribbean*. 510pp. Sidestone Press, Leiden.
- Holanda, Sérgio B. de
1975. *Caminhos e fronteiras*. 334pp. José Olympio, Rio de Janeiro.
- Hugh-Jones, Stephen
2009 The fabricated body: objects and ancestors in Northwest Amazonia. In *The occult life of things: native Amazonian theories of materiality and personhood*, editado por Fernando Santos-Granero, pp. 33-59. University of Arizona Press, Tucson.
- Keese dos Santos, Lucas
2017 *A esquivia do xondaro: movimento e ação política entre os Guarani Mbya*. 312pp. São Paulo, Dissertação de Mestrado, FFLCH/USP.
- Kirksey, S. Eben & Helmreich, Stefan
2010. The emergence of multispecies ethnography. *Cultural Anthropology* 25(4): 545-576.
- Kohn, Eduardo
2007 How dogs dream: Amazonian natures and the politics of transspecies. *American Ethnologist* 34 (1): 3-24.
- Kosby, Marília F.; Lima, Daniel V. e Rieth, Flávia
2017. Centauros de motocicleta: o cavalo como testemunha do 'processo domesticatório' do gaúcho. *Horizontes Antropológicos* 23 (48): 197-223.
- Kowalski, Andreas
2008. *Tu és quem sabe: Aukê e o mito Canela da 'ajuda aos índios'*. 294pp. Paralelo 15, Brasília.
- Kury, Lorelai (editora)
2014 *Representações da fauna no Brasil séculos XVI - XX*. 284pp. Andrea Jakobsson Studio, Rio de Janeiro.
- Lestringant, Frank
1997 *O canibal: grandeza e decadência*. 293pp. Editora da UnB, Brasília.

- Lévi-Strauss, Claude & Belmont, Nicole
 1963 Marques de propriedade dans deux tribus sud-américaines. *L'Homme* 3 (3): 102-108.
- Lévi-Strauss, Claude e Eribon, Didier
 1990 *De perto e de longe*. 236pp. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- Lima, Daniel V
 2015 'Cada doma é um livro': a relação entre humanos e cavalos no pampa sul-rio-grandense. 153pp. Pelotas, Dissertação de Mestrado, UFPel.
- Lira, Denise B.
 2016. Os índios Xukuru do Ororubá, o rio Ipojuca e a barragem Pão-de-Açúcar: memórias, história e ambiente. In *História ambiental e história indígena no Semiárido brasileiro*, editado por Edson Silva, Carlos Alberto B. Santos e Edivânia Granja Oliveira, pp. 145-177. UEFS Editora, Feira de Santana.
- Macedo, Helder A
 2011 *Populações indígenas no sertão do Rio Grande do Norte: história e mestiçagem*. 325pp. Editora da UFRN, Natal.
- Macêdo, Silvia M. Lopes
 2006 *Encantamento do Boi e Reis Encantados: Xamanismo e Identidade Étnica entre os Índios Kiriri do sertão baiano*. 65pp. Salvador, Monografia de Graduação em Ciências Sociais, UFBA.
- Magaña, Edmundo
 1986 Paisajes, hombres y animales imaginarios de algunas tribos Gê del Brasil Central. In *Myth and imaginary in the New World*, editado por Edmundo Magaña e Peter Mason, pp. 95-164. CEDLA, Amsterdam.
- Mansilla, Lucio V
 1966 *Una excursión a los indios ranqueles*. 271pp. Buenos Aires: Kapelusz.
- Maybury-Lewis, David
 1965 Some crucial distinctions in Central Brazilian ethnology. *Anthropos* 60 (1/6): 340-358.
- Melatti, Julio C.
 1967 *Índios e criadores: a situação dos Krahó na área pastoral do Tocantins*. 166pp. I.C.S/UFRJ, Rio de Janeiro.
- Michelini, Janaina
 2016 *A pecuária bovina de corte no Brasil: significados, contradições e desafios em busca da sustentabilidade*. 172pp. São José dos Campos, Tese de Doutorado em Ciência do Sistema Terrestre, INPE.
- Milheira, Rafael, Daniel Loponte, Cesar García Esponda, Alejandro Acosta e Priscilla Ulguim
 2016 The first record of a Pre-Columbian domestic dog (*Canis lupus familiaris*) in Brazil. *International Journal of Osteoarchaeology* 27 (3): 488-494.

Mitchell, Peter

2015 *Horse nations: the worldwide impact of the horse on indigenous societies post-1492*. 496pp. Oxford University Press, Oxford.

2017 Disease: a hitherto unexplored constraint on the spread of dogs (*Canis lupus familiaris*) in Pre-Columbian South America. *Journal of World Prehistory* 30 (4): 301-349.

Moreno, Sarah F

2018 *Presenças incômodas no porto de Santos: uma etnografia das relações interespecíficas entre humanos, pombos, grãos e outros agentes*. 200pp. São Carlos, Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, PPGAS/UFSCar.

Mott, Luiz

1979 Os índios e a pecuária nas fazendas de gado do Piauí colonial. *Revista de Antropologia* XXII: 61-78.

Nimuendajú, Curt

1946 *The eastern Timbira*. 322pp. University of California Publications in American Archaeology and Ethnology 41. University of California Press, Berkeley.

Nordenskiöld, Erland

1922 *Deductions suggested by the geographical distribution of some post-columbian words used by the Indians of South America*. 238pp. Comparative Ethnographical Studies 5. Elanders Boktryckeri Aktiebolag, Göteborg.

Palermo, Miguel A

1986 Reflexiones sobre el llamado 'complejo ecuestre' en la Argentina. *Runa* XVI: 157-178.

Pereira, Amanda V.

2018 *Demarcando vestígios: definindo (o território de) indígenas em isolamento voluntário na Terra Indígena Massaco*. 160pp. São Carlos, Dissertação de Mestrado, PPGAS/UFSCar.

Perrin, Michel

1987 *The way of the dead Indians: Guajiro myths and symbols*. 195pp. University of Texas Press, Austin.

Petersen, Karen e Sommer-Larsen, Anne

1979-1980 Techniques applied to some feather garments from the Tupinamba Indians, Brazil. *Folk* 21-22: 263-270.

Picon, François

1983 *Pasteurs du Nouveau Monde. Adoption de l'élevage chez les indiens Guajiros*. 316pp. Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme, Paris.

1999 Le cheval dans le Nouveau Monde. *Études Rurales* 151-152: 51-75.

- Pierri, Daniel
 2013 *O perecível e o imperecível: lógica do sensível e corporalidade no pensamento guarani-mbya*. 277pp. São Paulo, Dissertação de Mestrado, FFLCH/USP.
- 2017 *O perecível e o imperecível: reflexões Guarani-Mbyá sobre a existência*. 320pp. Editora Elefante, São Paulo.
- Pina de Barros, Edir
 2003 *Os filhos do sol: história e cosmologia na organização social de um povo karib, os Kurâ-Bakairi*. 385pp. Edusp, São Paulo.
- Polo Acuña, José
 2005 *Etnicidad, conflicto social y cultura fronteriza en la Guajira (1700-1850)*. 155pp. Uniandes/Ceso/Ministerio de Cultura/Celikud, Bogotá/Observatorio del Caribe Colombiano, Cartagena de Indias.
- Pompa, Cristina
 2001 *Religião como tradução: missionários, Tupi e “Tapuia” no Brasil colonial*. 453pp. Campinas, Tese de Doutorado em Antropologia Social, UNICAMP.
- Postigo, Augusto, Jeferson Straatmann e Marcelo Salazar
 2017 Cantinas e capital de giro coletivo. In *Xingu: histórias dos produtos da floresta*, editado por André Villas-Bôas, pp. 333-364. Instituto Socio-ambiental, São Paulo.
- Ribeiro, Darcy
 1996 *Os índios e a civilização*. 559pp. São Paulo: Companhia das Letras.
- Rivera Andía, Juan J. (editor)
 2014 *Comprender los rituales ganaderos en los Andes y más allá*. Bonner Amerikanistische Studien 51, 500pp. Shaker Verlag, Bonn/Aachen.
- Rivière, Peter
 1972 *The forgotten frontier: ranchers of North Brazil*. 127pp. Holt, Rinehart and Winston, New York.
- Rondon, Cândido M. da Silva
 1953 *Índios do Brasil das cabeceiras do Rio Xingú, Rio Araguaia e Oiapóque – volume II*. 363pp. Conselho Nacional de Proteção aos Índios/Ministério da Agricultura, Rio de Janeiro.
- Roth, Walter E
 1974 Trade and barter among the Guiana indians. In *Native South Americans: ethnology of the least known continent*, editado por Patricia Lyon, pp. 159-165. Waveland Press, Prospect Heights.
- Sallas, Ana L Fayet
 2013 *Ciência do homem e sentimento da natureza: viajantes alemães no Brasil do século XIX*. 334pp. Editora da UFPR, Curitiba.

Santos, Bruno S.

2017 Dó e alegria: relações entre os Guarani-Mbya e seus cães no Jaraguá/SP. *Ambivalências* 5(10): 49 – 81.

Santos Júnior, Carlos F. dos.

2016 Povos indígenas entre as ribeiras, os riachos e as serras: conflitos pelo controle das fontes de água no Semiárido pernambucano no século XIX. In *História ambiental e história indígena no Semiárido brasileiro*, editado por Edson Silva, Carlos Alberto B. Santos e Edivânia Granja Oliveira, pp. 207-238. UEFS Editora, Feira de Santana.

Santos-Granero, Fernando

2009a *Vital enemies: slavery, predation, and the Amerindian political economy of life*. 316pp. University of Texas Press, Austin.

(editor) 2009b. *The occult life of things: native Amazonian theories of materiality and personhood*. 288pp. The University of Arizona Press, Tucson.

Sarreal, Julia

2013 Revisiting cultivated agriculture, animal husbandry, and daily life in the Guaraní Missions. *Ethnohistory* 60 (1): 101-124.

Saumade, Frédéric

2014 Ganadería, tauromaquia y subversión ritual: el retorno del mexicano y del indígena en el rodeo americano”. In *Comprender los rituales ganaderos en los Andes y más allá*, editado por Juan J. Rivera Andía pp. 365-400. Shaker Verlag, Bonn/Aachen.

Schindler, Helmut

1985 Equestrian and Non-equestrian Indians of the Gran Chaco during the Colonial Period. *Indiana* 10: 451-64.

Schröder, Peter

2003 *Economia indígena: situação atual e problemas relacionados a projetos indígenas de comercialização na Amazônia Legal*. 177pp. Editora Universitária da UFPE, Recife.

Schuller, Rudolf

1912 Zur Affinität der Tapúya-Indianer des ‘Theatrum Rerum Naturalium Brasiliae’. *Internationales Archiv für Ethnographie* XXI: 78-98.

Schwartz, Marion

1998 *A history of dogs in early Americas*. 260pp. Yale University Press, New Haven.

Shipman, Pat

2015 *The invaders: how humans and their dogs drove Neanderthals to extinction*. 288pp. The Belknap Press, Cambridge.

Sick, Helmut

2001 *Ornitologia brasileira*. 862pp. Nova Fronteira, Rio de Janeiro.

- Siqueira Jr., Jaime
 1992 A iconografia Kadiwéu atual. In *Grafismo indígena*, editado por Lux Vidal, pp. 265-277. Studio Nobel/Edusp/Fapesp, São Paulo.
- Stefanuto, Míriam
 2017 *Trabalho calado: os Kaingang do Toldo Chimbanguê e as indústrias de carne*. 121pp. São Carlos, Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, PPGAS/UFSCar.
- Storey, Alice, J. Stephen Athens, David Bryant, Mike Carson, Kitty Emery, Susan de France, Charles Higham, Leon Huynen, Michiko Intoh, Sharyn Jones, Patrick Kirch, Thegn Ladefoged, Patrick McCoy, Arturo Morales-Muñiz, Daniel Quiroz, Elizabeth Reitz, Juddith Robins, Richard Walter e Elizabeth Matisoo-Smith.
 2012 Investigating the global dispersion of chickens in prehistory using ancient mitochondrial DNA signatures. *PLoS One* 7 (7): 1-11.
- Swanson, Heather, Marianne Lien e Gro Ween (editoras)
 2018 *Domestication gone wild: politics and practices of multispecies relations*. 272pp. Duke University Press, Durham.
- Teixeira, Dante M. e de Vries, Elly
 2004 Exotic novelties from overseas. In *Albert Eckhout: a Dutch artist in Brazil*, editado por Quentin Buvelot, pp. 64-105. Royal Cabinet of Paintings Mauritshuis/Waanders Publishers, Den Haag.
- Trigger, Bruce
 2008 Indigeneity, ferality, and what 'belongs' in the Australian bush: Aboriginal responses to 'introduced' animals and plants in a settler descendant society. *Journal of the Royal Anthropological Institute (N.S.)* 14 (3): 628-646.
- Turbay, Sandra
 2002 Aproximaciones a los estudios antropológicos sobre la relación entre el ser humano y los animales. In *Rostros culturales de la fauna: las relaciones entre los humanos y los animales em el contexto colombiano*, editado por Astrid Ulloa, pp. 87-111. INAH/Fundación Natura, Bogotá.
- Vander Velden, Felipe
 2011a Rebanhos em aldeias: investigando a introdução de animais domesticados e formas de criação animal em povos indígenas na Amazônia (Rondônia). *Espaço Ameríndio (UFRGS)* 5: 129-158.
 2011b Inveja do gado: o fazendeiro como figura de poder e desejo entre os Karitiana. *Anuário Antropológico* 2010/1: 55-76.
 2012a As galinhas incontáveis: Tupis, europeus e aves domésticas na conquista do Brasil. *Journal de la Société des Américanistes* 98: 97-140.
 2012b *Inquietas companhias: sobre os animais de criação entre os Karitiana*. 358pp. Alameda, São Paulo.

- 2013 'A gente chama de qualquer jeito': notas sobre a onomástica dos animais de criação entre os Karitiana, Rondônia". *Revista Antropológicas* 24: 15-43.
- 2014 Multiplicam-se muito nestas terras Os animais domésticos europeus na América Portuguesa séculos XVI-XVIII. In *Representações da fauna no Brasil séculos XVI – XX*, editado por Lorelai Kury, pp. 12-39. Andrea Jakobsson Studio, Rio de Janeiro.
- 2016a. Dessas galinhas brancas, de granja - ciência, técnica e conhecimento local nos equívocos da criação de animais entre os Karitiana (RO). *Caderno Eletrônico de Ciências Sociais* 3: 11-34.
- 2016b Como se faz um cachorro caçador entre os Karitiana (Rondônia). *Teoria e Cultura* 11: 25-35.
- 2016c Village ornaments: familiarization and pets as art(ifacts) in Amazonia. *Vibrant* 13: 58-77.
- 2017a Introdução ao Dossiê. *R@U : Revista de Antropologia Social da UFS-CAR* 7: 7-16.
- 2017b Fazendo animais sabidos: interações naturalculturais nas práticas cinegéticas Karitiana (Rondônia). In *Olhares cruzados sobre as relações entre seres humanos e animais silvestres na Amazônia (Brasil, Guiana Francesa)*, editado por Guillaume Marchand e Felipe Vander Velden, pp. 65-84. EDUA, Manaus.
- 2017c Narrating the First Dogs: Canine Agency in the First Contacts with Indigenous Peoples in the Brazilian Amazon. *Anthrozoos: A Multidisciplinary Journal of The Interactions of People & Animals* 30: 533-548.
- 2018 *Jóias da floresta: antropologia do tráfico de animais*. 279pp. Editora da UFSCar, São Carlos.
- Viegas Barros, José P.
- 2005 *Voces en el viento: raíces lingüísticas de la Patagonia. Lingüística comparada de las lenguas aborígenes del sur del continente Americano*. 190pp. Mondragón Ediciones, Buenos Aires.
- Vieira, Jaci G.
- 2007 *Missionários, fazendeiros e índios em Roraima: a disputa pela terra*. 225pp. Editora da UFRR, Boa Vista.
- Villar, Diego
- 2005 Índios, blancos y perros. *Anthropos* 100 (2): 495-506.
- Viveiros de Castro, Eduardo
- 2006 A floresta de cristal: notas sobre a ontologia dos espíritos amazônicos. *Cadernos de Campo* 14/15: 319-338.
- Wilbert, Johannes
- 1976 To became a maker of canoes: an essay in Warao enculturation. In *Enculturation in Latin America: an anthology*, editado por Johannes

Wilbert, pp. 303-358. UCLA Latin American Center Publications, Los Angeles.

1978. *Folk literature of the Gê Indians*. 653pp. UCLA Latin American Center Publications, Los Angeles.

Zeuner, Friedrich

1963 *A history of domesticated animals*. 560pp. Harper & Row Publishers, New York.